

A INTERSECCIONALIDADE NAS PESQUISAS EM TURISMO: UMA ANÁLISE DAS DISSERTAÇÕES E TESES DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO

Julia Silva Rocha¹

Patricia Zaczuk Bassinello²

Resumo

A interseccionalidade é uma ferramenta teórico-metodológica que permite compreender como diferentes sistemas de opressão — como os baseados em raça, classe, gênero, sexo e território — se articulam e estruturam as desigualdades sociais. Embora o termo tenha sido cunhado por Kimberlé Crenshaw em 1989, seus fundamentos já eram discutidos por intelectuais e ativistas que vivenciavam essas múltiplas formas de opressão. No âmbito dos estudos turísticos essa temática ainda é tímida e emergente. Nesse contexto, é trazido aqui um resultado parcial de uma pesquisa em andamento que analisa como a interseccionalidade tem sido abordada em dissertações e teses de Programas de Pós-Graduação em Turismo no Brasil, e para esse recorte, no Programa de Pós-Graduação em Turismo da USP. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, com levantamento bibliográfico e consulta de dados realizado por meio plataforma Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP, a partir de descritores relacionados à interseccionalidade. Os resultados parciais apontam para a baixa incorporação crítica do conceito e seus marcadores nas pesquisas analisadas, evidenciando a necessidade de ampliar esse debate no campo do Turismo. Este estudo busca, assim, destacar a relevância da interseccionalidade como ferramenta analítica para compreender as múltiplas camadas de desigualdade que atravessam os sujeitos e os territórios turísticos.

Palavras-chave

Interseccionalidade; Marcadores Sociais; Turismo; Dissertações e Teses.

Introdução

O turismo é uma prática social crescente e em constante transformação, refletindo as dinâmicas de desigualdade da sociedade em que se insere. Ao analisarmos o turismo e as suas múltiplas relações com o social, há a necessidade de se considerar as diferentes intersecções entre os marcadores sociais, como raça, gênero, sexo e classe, que atravessam os sujeitos e moldam suas experiências turísticas e acesso a essa prática.

Pautas ligadas a questões sociais têm ganhado destaque na contemporaneidade a partir de movimentos e questionamentos da própria organização da sociedade. Neste lugar estão as questões de marcadores sociais ligadas ao gênero, raça, classe e sexo, cuja inserção no turismo passa por diferentes interesses e tímidas reflexões. Nesse contexto é que a interseccionalidade tem sido uma ferramenta conceitual e metodológica emergente utilizada na área das ciências humanas e sociais no que tange às discussões sobre justiça social e igualdade de direitos frente à diversidade de identidades sociais, principalmente em relação às mulheres negras.

Apesar do termo “interseccionalidade” ter sido formalizado somente em 1989 pela jurista e acadêmica Kimberlé Crenshaw, suas ideias centrais já eram pautadas e discutidas desde os anos 1970 por ativistas negras nos Estados Unidos, que denunciavam o apagamento de suas vivências tanto no movimento feminista hegemônico - centrado nas demandas de mulheres brancas e de classe média - quanto no movimento antirracista, liderado por homens negros que não compreendiam plenamente suas experiências marcadas por gênero, raça e classe.

¹ Bolsista PIBIC. Acadêmica Curso de Bacharelado em Turismo da Escola de Administração e Negócios da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (ESAN/UFMS) - e-mail: julia_silva@ufms.br

² Orientadora. Docente do Curso de Bacharelado em Turismo da Escola de Administração e Negócios da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (ESAN/UFMS) - e-mail: patricia.zaczuk@ufms.br

Conforme Chaveiro (2023), o conceito de interseccionalidade é polissêmico pois se insere em um campo teórico híbrido delimitado a partir de diferentes compromissos políticos e epistemológicos. Tal uso na produção científica se inicia por um movimento de teóricas e militantes afrodescendentes, como Patricia Hill Collins, Bell Hooks, Kimberle Crenshaw, hoje conhecido como movimento do feminismo negro, se organizam como resistência ao fato de que o feminismo tradicional não contemplava as reivindicações e os direitos das mulheres negras, porque reduzia a categoria mulher a uma identidade homogênea - elitista/branca. Nesse âmbito, surgiu a perspectiva da interseccionalidade, que aborda como o cruzamento de categorias e/ou sistemas de opressão de gênero, classe, raça, etnia, sexualidade, entre outros, produzem, de modo articulado, desigualdades e são constituídos mutuamente.

Conforme destacado por Bell Hooks (1984), os mecanismos de opressão acontecem não somente através do machismo: mulheres também podem ocupar posições de opressoras. Mulheres brancas e economicamente favorecidas, embora oprimidas pelo patriarcado, podem estar em uma posição de poder e opressão em relação a outras mulheres negras e homens pobres e racializados.

Diante da exclusão supla vivenciada, surge a necessidade de uma abordagem analítica e multifocal, que considere simultaneamente as opressões vividas por esses sujeitos. De acordo com Crenshaw (2002), a interseccionalidade busca compreender como diferentes sistemas discriminatório, como racismo, patriarcado, operação de classe, e outros criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas que afetam mulheres, grupos raciais e étnicos, classes sociais, entre outros.

Durante essa mesma época, no Brasil, intelectuais como Lélia Gonzalez já desenvolvia reflexões semelhantes através de sua vivência como mulher, negra e latino-americana, elaborando uma crítica à estrutura de dominação colonial e racista, antecipando debates que seriam extremamente necessários posteriormente para entendermos questões referentes às desigualdades interseccionais. Sendo assim, a interseccionalidade surge não apenas como uma ferramenta, mas também como uma necessidade de compreender a complexidade das desigualdades vividas por sujeitos múltiplos e historicamente marginalizados.

Logo, este debate se mostra importante nas produções científicas porque há a necessidade de construir diferentes posicionamentos teóricos e metodológicos para enfrentar esta complexidade, concebendo a produção de saberes questionadores, decoloniais e críticos, alertando-nos para as possibilidades de categorias que potencializam as diferenças e promovam hierarquias e diálogos mais horizontalizados e diversos.

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é apresentar uma pesquisa em desenvolvimento que se propõe a analisar o uso da perspectiva da interseccionalidade nas pesquisas em Turismo a partir da análise das teses e dissertações dos Programas de Pós-Graduação em Turismo brasileiros. E, como um primeiro exercício de análise, foi trazido aqui os resultados da consulta na plataforma do banco de teses e dissertações do Programa de Pós-Graduação em Turismo (Mestrado e Doutorado) da USP considerado o primeiro curso de pós-graduação stricto sensu em Turismo no Brasil.

Metodologia

De natureza qualitativa e descritiva, a pesquisa em desenvolvimento aborda a interseccionalidade e a produção científica em Turismo no contexto brasileiro. Para o mapeamento e coleta de dados, foi realizado uma busca das dissertações e teses pela plataforma - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), elegendo para consulta, o mapeamento apenas dos Programas de Pós-Graduação em Turismo vinculados como membros efetivos da ANPTUR (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo). Para este resumo, foi trazido apenas o recorte do banco de teses e dissertações do

Programa de Pós Graduação em Turismo da Universidade de São Paulo (USP). Optou-se por não realizar um recorte temporal, considerando que há um número baixo de produções que mencionam diretamente o termo “interseccionalidade”, afinal o campo da pós-graduação em Turismo no Brasil também está em processo de consolidação. Foram utilizados descritores como interseccionalidade, gênero, etnia, raça, sexo e classe, aplicados ao título, resumo e palavras-chaves das dissertações e teses. A partir deste levantamento, foi feita leitura dos resumos, e acesso ao conteúdo completo quando necessário para que fosse compreendido de que forma a interseccionalidade está sendo abordada no contexto do turismo. Os dados apresentados por meio de tabelas demonstram o cenário atual das produções acadêmicas da USP em relação à presença da perspectiva interseccional e seus marcadores sociais.

Resultados e Discussões

A análise dos dados apresentados na Tabela 1, revelou um total de 78 produções acadêmicas vinculadas ao Programa de Pós Graduação em Turismo da Universidade de São Paulo (USP), das quais 66 correspondem a dissertações de mestrado e 12 a teses de doutorado. Observou-se que há uma predominância significativa no número de dissertações, especialmente até o ano de 2021. Este dado pode estar relacionado ao fato de que o curso de doutorado foi oficialmente instituído somente em 2019, dessa forma, todas as produções identificadas até o ano de 2021 foram exclusivamente de mestrado.

O ano de 2022 destacou-se como o mais produtivo dentro do período analisado, com um total de 15 trabalhos defendidos, seguido por 2021 (12 trabalhos) e 2024 (10 trabalhos). Por outro lado, o menor volume de registro de produções foi em 2020, com apenas uma dissertação, dado que pode estar relacionada aos impactos da pandemia de COVID-19 sobre as atividades acadêmicas e científicas naquele período.

Tabela 1. Distribuição de dissertações e teses do Programa de Pós-Graduação em Turismo da USP (2016-2024)									
Ano de publicação	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024
Mestrado	9	5	10	7	1	12	14	3	5
Doutorado	Sem produção	Sem produção	Sem produção	Sem produção	Sem produção	Sem produção	1	6	5

Fonte: Elaboração própria (2025), a partir de dados coletados na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

No que se refere à abordagem interseccional, a Tabela 2 evidencia que apenas 19 (cerca de 24% do total), dos 78 trabalhos analisados mobilizam, de maneira mais evidente, algum nível de discussão sobre interseccionalidade. Ainda assim, em muitos casos o uso do conceito é superficial, com menções pontuais a marcadores como gênero, raça ou classe, sem a articulação crítica entre eles. Essa escassez de trabalhos interseccionais revela um ponto de atenção no campo do Turismo, a baixa presença do conceito nas produções analisadas aponta a necessidade de ampliar e fortalecer essa lente nas pesquisas da área.

Tabela 2. Presença de marcadores sociais nas dissertações e teses			
Título	Marcadores sociais	Ano	Tipo
Abordagem crítica do lazer da mulher bancária da cidade de São Paulo	Gênero	2016	Mestrado

Políticas públicas de lazer para idosos em Manaus: percepções e práticas no Parque Municipal do Idoso	Gênero, Idade	2016	Mestrado
Estudo exploratório do turismo no centro de São Paulo: cenários da dimensão espacial do turismo urbano no contexto de uma cidade latino-americana	Etnia, Raça	2017	Mestrado
Análise da produção teórica brasileira sobre o turismo e acessibilidade de 1987 a 2016	Acessibilidade	2018	Mestrado
Mulheres Chicano em festa: análise das relações socioculturais de lazer na Festa do Pau na Colônia Chicano em Santa Bárbara do Pará	Gênero	2019	Mestrado
Políticas públicas: lazer e turismo como instrumento de inserção social de travestis e transexuais em vulnerabilidade social	Orientação sexual	2020	Mestrado
Mobilidades e Turismo urbano: estudo sobre o legado étnico da comunidade coreana no Bom Retiro (São Paulo/Brasil)	Etnia	2020	Mestrado
Turismo em territórios indígenas: desenvolvimento e impacto sociocultural na Comunidade Indígena Nova Esperança "Pisasú Sarusawa" (Amazonas - Brasil)	Raça, Etnia, Gênero	2020	Mestrado
"Tem vez que a gente não consegue nem andar" : uma análise sobre qualidade de vida no trabalho das camareiras de hotel	Classe, Gênero	2021	Mestrado
Mulheres na liderança do mercado de turismo de São Paulo	Gênero, Classe, Raça	2021	Mestrado
Cidade em preto e branco: turismo, memória e as narrativas reivindicadas da São Paulo Negra	Raça, Gênero	2021	Mestrado
Os porta-vozes do destino: uma análise do trabalho dos guias de turismo no Brasil	Gênero, Raça, Acessibilidade	2021	Mestrado
Influência das restrições de viagem das pessoas com deficiência física na intenção de viajar	Acessibilidade	2021	Mestrado
A inserção do Festival Feira Preta no calendário de turismo de eventos na cidade de São Paulo: o capital intelectual como força propulsora na "difusão" do movimento da população negra afroempreendedora	Raça, Etnia, Gênero, Classe	2021	Mestrado
Turismo e Memória pela História Oral sobre viagens dos idosos LGBT+	Orientação sexual, Idade	2022	Mestrado
Nós vamos hackear o turismo!" Entre roteiros, "quebradas" e resistências na cidade de São Paulo	Raça, Gênero, Classe	2022	Doutorado
Linhas e avessos do Turismo: entre situações-limites e inéditos viáveis. Aprendendo junto-com e a partir da Vila da Mata, Bertioga/SP	Raça, Gênero, Classe, Colonialidade	2023	Doutorado

Coletividade, bem-estar e feminismo: a relevância dos coletivos femininos de surfe no turismo e lazer de aventura	Gênero, Raça, Classe	2024	Doutorado
Pescando Tradições e Compartilhando Saberes: estratégias para o Turismo de Base Comunitária de pesca artesanal na Lagoa de Araruama/RJ	Classe, Gênero, Raça, Acessibilidade	2024	Doutorado

Fonte: Elaboração própria (2025), a partir de dados coletados na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

A presença de múltiplos marcadores sociais em algumas produções — ainda que de forma não aprofundada — evidenciam a forma que as estruturas de opressão operam simultaneamente sobre os sujeitos, tal análise indica uma percepção crescente da complexidade das relações sociais no campo do Turismo. Como bem destacam Collins e Bilge (2021), “o que torna uma análise interseccional não é o uso do termo, mas sim o que a interseccionalidade faz”. Neste sentido, os dados revelam que ainda que alguns trabalhos mencionam marcadores sociais, poucos utilizam a interseccionalidade como estrutura teórico-metodológica orientadora da pesquisa. Tal constatação reforça o desafio de integrar essa perspectiva de forma crítica, consistente e comprometida com a justiça social e pluralidade epistemológica.

Considerações Finais

Este trabalho trouxe uma primeira discussão acerca da interseccionalidade e a produção científica em Turismo no Brasil. Os resultados apontam para a baixa incorporação crítica do conceito e seus marcadores nas pesquisas que foram preliminarmente analisadas, evidenciando a necessidade de ampliar esse debate no campo do Turismo. Este estudo também buscou destacar a relevância da interseccionalidade como ferramenta epistêmica analítica para compreender as múltiplas camadas de desigualdade que atravessam os sujeitos e os territórios turísticos e propiciar um debate de descolonização do conhecimento no Turismo.

Referências

CHAVEIRO, Maylla Monnik Rodrigues de Sousa. Interseccionalidade e sua pluralidade conceitual: Um quadro comparativo entre autoras. *Revista Desenvolvimento Social*, [S. l.], v. 29, n. 2, p. 58–77, 2023. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/rds/article/view/7121>. Acesso em: 24 abr. 2025.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade* [recurso eletrônico]. Tradução de Rane Souza. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, 2002.

HOOKS, bell. *Feminist theory: from margin to center*. Boston: South End Press, 1984.